

800-444-4444

EM
RESPEITO
À DOR



KARMA
CIA DE TEATRO



*será que ninguém entende
eu não sou um de vocês
eu sou aquele
que vocês rejeitam
sou eu
na minha insignificância
perto de vocês
criaturas com telencéfalo
altamente desenvolvido
donos de verdades petrificadas
estéticas sombreadas em pó
e embriagados de felicidade e esperança*

O ESPETÁCULO

A sociedade contemporânea vive em eterna busca por felicidade e satisfação pessoal. Todos os dias há um bombeamento midiático de fórmulas mágicas para o alcance da felicidade integral, que reforça os padrões sociais impostos e que promete, por meio de produtos milagrosos, um cotidiano mais leve e prazeroso.

A dor é constantemente ocultada do convívio social, forçando o indivíduo a mostrar uma ideia mentirosa daquilo que vive, e essa é uma das principais questões abordadas no espetáculo “Em Respeito à Dor”, da Karma Cia. de Teatro. Nele, três personagens lidam com a responsabilidade de carregar seus pesos, questionando as circunstâncias, o divino, o tempo e o sentido da vida.

“A dramaturgia surgiu de maneira colaborativa entre os atores e diretor, de acordo com suas próprias experiências de vida. O fio condutor do espetáculo não é linear, tem várias voltas e vozes, é fragmentado e deixa o espectador preencher o que não está sendo dito, de acordo com sua vivência. As dores retratadas são universais, cada indivíduo em cena é um pouco de cada indivíduo da plateia, dessa forma a dramaturgia e conseqüentemente a encenação foram construídas de maneira a celebrar a dor e os fracassos junto com o público”, explica Mauro Filho, diretor do espetáculo.

LINKS

Teaser: <http://www.youtube.com/watch?v=0vN8RZWlrbE>

Espectáculo na íntegra: <http://www.youtube.com/watch?v=lugThSZ0118>

SINOPSE

Dor: sentimento que surge em decorrência de dano causado a outrem ou a si mesmo; arrependimento, pesar, remorso, passado, cotidiano, desilusões, pesos. Carregar, empurrar ou deixá-los para trás? Estamos condicionados a viver sem muito pensar, sem muito parar, sem muito respirar. Afinal, é preciso sempre estar alerta, atento, bem humorado, simpático, com um sorriso atraente e bem fisicamente. Quanto tempo sobra para viver a dor? Quanto tempo sobra para viver? Quanto tempo sobra?

FICHA ARTÍSTICA

Dramaturgia e Direção: **Mauro Filho**

Atuação: **Leandro Cardoso, Mauro Filho e Pietra Garcia**

Operação de som: **Andressa Romanholi**

Figurinos: **Bryan Malkut**

Design Gráfico: **Thiago França**

Fotografia: **Julian Cechinel**

Assessoria de Imprensa: **Pietra Garcia**

Cenografia e Produção: **Karma Cia. de Teatro**



CRÍTICAS

Sísifos rebelados, por Valmir Santos

Um espectador levantou na segunda fila, deu as costas, pisou o corredor e rumou à saída quando a atriz Pietra Garcia defendia, por meio de uma das figuras do espetáculo Em respeito à dor, o direito de poder fazer tudo que lhe dá na telha, inclusive desistir...

Não se sabe se o homem desistiu. Ele pode ter se retirado por algum motivo e retornado à sala, fileiras atrás. O primeiro trabalho da Karma Cia. de Teatro, em dois anos de trajetória, indica pressupostos de um pensamento artístico provocador. Não há vez para o lugar-comum da ditadura do entretenimento, do conteúdo inofensivo, da subserviência ao aplauso.

O trio que está em cena expressa ambições mobilizadoras, sobretudo quando manifestadas por jovens dispostos a problematizar sua prática, seu pensamento, sua época e seu mundo para além das querelas provincianas ou tradicionalistas.

Pietra contracena com Leandro Cardoso e com o também dramaturgo e diretor Mauro Filho. De largada, os movimentos e as ações corporais reafirmam consciência de espacialização correlata à carga existencialista do texto e à sobriedade da encenação. Gestos, entonações e cores acinzentadas amparam os questionamentos e as crises do “eu” e do “outro”.

O liquidificador antimonotonia de assuntos permite desconfiança, até que a sensação se desfaz lá pelo primeiro quarto da apresentação e o projeto finca o pé para dizer a que veio. A autoajuda, o apelo publicitário, a receita de sucesso, o flagelo social, as variações de anestesiamento, a hipocrisia e toda uma agenda de indignação, íntima e cidadã, é colada às cenas manejadas pelo princípio da tríade que rege a montagem.

Três atores, três cubos em madeira inteiriça servindo ao espaço cenográfico e três totens de lâmpadas fluorescentes triangulando ao fundo e nas laterais do palco. A operação da luz fria é feita pelos atores. A simplicidade (ou seria rusticidade?) dos aparatos escondem o modo como eles são estrategicamente acionados e subsidiam as vozes que vagam na contramão das etiquetas e dos bons-costumes.

Mas a mesma imagem de seres a “empurrar” resume as inaptidões, o cansaço, ao mesmo tempo em que diz algo sobre a necessidade de resistir tal qual Sísifos sublevados. Uma juventude avessa à desesperança e que

reage aos abscessos da sociedade. Sem essa de conformar-se com a inutilidade de rolar a pedra até o alto da montanha.

Os fragmentos de sensações e espasmos da obra deixam um rastro sobre certo Joãozinho, sujeito que é narrado por Pietra Garcia e aos poucos ganha feições. Suas pontuações dão um corpo e uma alma às pinceladas expressionistas de Em respeito à dor. Denota trabalho de voz e olhar intenso, dando corpo e alma a Joãozinho sem representá-lo.

Todos estão na esteira da não linearidade, com intenções lacunares para que o público preencha de acordo com seu repertório de vida e de contato com as artes cênicas. Sentidos livres. Ainda é cedo, mas tudo leva a crer que a Karma não veio à luz por acaso no mês posterior às jornadas de junho de 2013, destinada a celebrar sua inconformidade pensando e praticando arte.

(Publicada originalmente em: <http://4festivaltonicunha.blogspot.com.br/>)

Valmir Santos

Jornalista, crítico e pesquisador de teatro. Idealizador e editor do site Teatrojornal – Leituras de Cena. Escreve desde 1992 em publicações como Valor Econômico, Bravo!, Folha de S.Paulo e O Diário de Mogi. Acompanha festivais no Brasil e no exterior, tendo assinado curadorias ou consultorias para encontros em Recife, Belo Horizonte e São Paulo. Autor de livros ou capítulos com históricos de grupos. Mestre em artes cênicas pela USP.

Uma estética anódina para as sombras do sentir, por Luciana Romagnoli

À primeira vista, a cena armada pela Karma Cia. de Teatro, de Itajaí, no espetáculo “Em Respeito à Dor” remete às experiências que vêm sendo praticadas nos últimos três ou quatro anos no Núcleo de Dramaturgia do Sesi-PR, em Curitiba, sob a orientação do encenador Roberto Alvim. Espectros transumanos da fixa luz fria, do palco sob penumbra, do registro de atuação pouco emocional. Mas o território pelo qual trafega o diretor Mauro Filho é distinto, o da desumanização dos seres num contexto de elogio máximo à produtividade e à felicidade plena, este unicórnio pós-moderno.

Em outras palavras: dessubjetivação. Quem bem escreveu sobre o assunto foi o filósofo italiano Giorgio Agamben, para o qual os dispositivos atuantes no mundo contemporâneo ocasionam a dessubjetivação dos sujeitos. Dispositivos seriam “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes[1]”, ou seja, desde prisões às escolas, da filosofia à linguagem, da caneta ao computador, à televisão, ao smartphone. Eles produziram sujeitos por um processo de assujeitamento, de modo que o dispositivo seria uma máquina de governo produtora de subjetivação. Na atual fase do capitalismo, porém, o processo já não corresponde a nenhuma subjetivação real. A ação dos dispositivos é de dessubjetivação.

Este desvio filosófico traça o pano de fundo dos questionamentos existenciais contidos na dramaturgia colaborativa de “Em Respeito à Dor”. O experimento cênico sobreposição camadas de verborragia e esforço físico para compor uma metáfora sobre o desgaste emocional e energético que é viver numa sociedade que condena – invisibiliza, expulsa, excomunga – qualquer manifestação de sofrimento (como o luto) por seu caráter improdutivo. Novamente cabe a referência ao estudo de Jonathan Crary[2], para quem o sono é o último reduto contra o capitalismo, por sua absoluta improdutividade – e, também por isso, o mais novo alvo.

O tratamento dramatúrgico textual dessa matéria faz-se por uma narrativa fissurada, reiterativa e não linear, cujos avanços e recuos operam por redundância, aproximando testemunhos de fracasso de Joãozinho (figura ficcional “desertora” da cruzada pela felicidade) a lições para o bem-viver, contidas em frases como “cuidei do meu corpo, esqueci de cuidar da minha alma” ou “me dei o direito de ser egoísta – recomendo”. As ações performáticas, como empurrar um bloco, debater-se, cair, inflar e soltar balões, contrastam a esse tom explicativo um diapasão mais sugestivo, em que a potência poética se sintetiza na forma de imagens simbólicas.

O peso do mundo – de si e do outro – já não é efeito de causas reconhecíveis; descolou-se delas para tornar-se objeto concreto, dado a priori, que se manifesta no suor e no grito. As palavras sobram quando se tenta dar sentido à falta de sentido, mesmo como jogo de linguagem. Mas o paradoxo maior arquitetado na proposição cênica é a anodinia com a qual se problematiza o bloqueio da subjetividade e dos sentimentos humanos em sua diversidade de tonalidades. Pesa sobre a cena uma sobriedade estética expressa na frieza da luz sobre o espaço vazio, na uniformização dos figurinos e das ações, nas cores cinzentas, no automatismo dos corpos, na economia de expressões faciais, na sensibilidade maquínica. Eis a crueldade-moinho de um mundo sem sentido onde nem se pode sentir.

[1] Para saber mais sobre o assunto, ler “O que é um dispositivo?”, artigo de Giorgio Agamben disponível na internet e em livros como “O que é o Contemporâneo e outros ensaios”.

[2] Como citei em outro texto, o ensaísta trata desse tema no livro “24/7 Capitalismo Tardio ou os Fins do Sono”.

(Publicada originalmente em <http://4festivaltonicunha.blogspot.com.br/>)

Luciana Romagnoli

Jornalista, crítica de teatro e produtora cultural. Graduada em Comunicação Social pela UFPR, especialista em Literatura Dramática e Teatro pela UTFPR e mestre em Artes – Teatro pela UFMG. Atuou como repórter de cultura nos jornais Gazeta do Povo (PR) e O Tempo (MG); e como crítica convidada em diversos festivais brasileiros. Ministra oficinas de crítica de teatro e é coordenadora de crítica do projeto Janela de Dramaturgia, em Belo Horizonte. Coordenou a produção do 15º Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte. É cofundadora e editora do blog Horizonte da Cena.



Informações Técnicas

Drama/ 50min/Classificação 14 anos

Palco Italiano - caixa preta com as seguintes dimensões mínimas:
09 (nove) metros de largura e 07 (sete) metros de profundidade

Iluminação: própria do grupo, que acompanha os materiais de cena.
Todo o equipamento de luz deve ter cabeamento para ser ligado na altura do piso.

Som: Caixas de som com alta potência. Mesa com entrada para notebook.

Transporte: 04 pessoas - 03 [três] atores e 01 [um] técnico

Cenário: 03 (três) caixotes de 45cm x 45cm de 7kg / 03 (três) luminárias de 1,30cm x 20cm de 3kg
Peso total: 30kg

Tempo de montagem: 1h30min / Tempo de desmontagem: 30min

SOBRE O GRUPO

A Karma Cia. de Teatro fundada julho de 2013 em Itajaí (SC) nasceu de uma inquietação dos atores Leandro Cardoso, Mauro Filho e Pietra Garcia de construir uma caminho próprio na cena teatral contemporânea, buscando uma linguagem autoral em que os atores possam trabalhar suas habilidades em busca de novos saberes e novas perspectivas no fazer teatral. A companhia desenvolve atividades fundamentadas no trabalho do ator, na criação/apresentação de espetáculos e cursos e oficinas para atores e não-atores.

Desde sua criação, a Karma viu a necessidade de construir uma dramaturgia própria, foi assim que surgiram “Em Respeito à Dor” com direção e dramaturgia de Mauro Filho em colaboração com Leandro Cardoso, Laura Osório e Pietra Garcia, “Berlim dois corpos à procura” direção de Pietra Garcia e dramaturgia de Mauro Filho e “Tudojunto” direção e dramaturgia de Mauro Filho.

A Karma Cia. de Teatro tem desenvolvido atividades de formação, nas quais destacam-se o Curso de Iniciação Teatral em parceria com o SESC Itajaí e a Prefeitura Municipal de Itajaí, oficinas na 4º Mostra de Teatro Escolar de Balneário Piçarras – SC, participa de atividade dentro do projeto Formação Estética e Poética do Grupo Porto Cênico e do projeto Dramaturgia: Leituras em Cena do SESC Itajaí sob orientação da atriz Andrea Ojeda da Periplo Companhia Teatral (Bueno Aires - Argentina).

O grupo tem conquistado diversos fomentos para a criação de espetáculos, projetos de formação e manutenção com a Fundação Cultural de Itajaí através da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (2015 e 2016) e Edital de Apoio a Eventos Comunitários. Também foi contemplado com o Prêmio

Catarinense de Teatro e Prêmio Catarinense de Dança ambos do Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura (2014) do Governo do Estado de Santa Catarina.

A Karma Cia. de Teatro tem se apresentado em diversas mostras e festivais pelo Brasil nos quais destacam-se: Festival Brasileiro de Teatro Toni Cunha em Itajaí (SC), Festival Nacional de Teatro de Florianópolis (PI), Festival Nacional de Teatro Cacilda Becker em Pirassununga (SP), onde recebe o Prêmio Especial do Júri pela Pesquisa no Teatro Contemporâneo, Festival Nacional de Teatro de Chapecó (SC), FIT Bahia - Festival Ipitanga de Teatro em Lauro de Freitas (BA), Mostra Nacional de Teatro de Hortolândia (SP), FACE - Festival de Artes Cênicas de Bauru (SP) e FENATA - Festival Nacional de Teatro de Ponta Grossa (PR).

Dentro das atividades desenvolvidas pela companhia está o Conexões Contemporâneas: o corpo na cena que teve sua primeira edição em 2016 com o objetivo de discutir o corpo na cena teatral atual. Neste projeto, contou com as oficinas de Denise da Luz, Elke Siedler e Bárbara Biscaro. O projeto teve correalização do SESC Itajaí e contou com a participação de diversos artistas de Santa Catarina. Também produz o CORES: Mostra de Arte LGBT, primeiro evento de arte que discute as questões de gênero e sexualidade do estado de Santa Catarina. Na sua primeira edição que aconteceu na Casa da Cultura Dide Brandão, contou com a participação da Téspis Cia. de Teatro de Itajaí (SC) e Grupo (Ex)periência Subterrânea de Florianópolis (SC).



CONTATO

karmaciadeteatro@gmail.com

ou ligue

(47) 997178114 (tim)

Karma Cia. de Teatro

<http://www.karmaciadeteatro.com.br>

Rua José Tedeo, 169. São Judas

Itajaí/SC